

Respiga de antropo-toponímia galega de origem latina

JOSEPH M. PIEL

Universidade de Colónia

DUAS PALAVRAS PREVIAS

Com o presente feixe de 36 esboços de toponímia galega —abrangendo umas 60 formas singulares— pretendo apenas preencher algumas lacunas de certo vulto, que se me depararam ao folhear estudos anteriores, meus e de outrem, sobre o mesmo assunto. Evidentemente que essas lacunas não são as únicas latentes, ficando ainda muito por respigar no vasto campo da antropo-toponímia histórica, particularmente fecunda no âmbito da Galiza. Cinjo-me aqui à toponímia senhorial de origem exclusivamente latina, deixando para outra ocasião uma respiga incidente sobre a classe homóloga, um tanto mais tardia, de origem e substância visigoda. Diz-me uma longa experiência ser esta “meada” germânica não inferior, numericamente, à de raiz latino-românica, podendo avaliar-se cada uma destas duas congéneres camadas históricas, no que toca à totalidade do noroeste ástur-galego-português, a “Gallaecia Maior”, se me posso permitir este termo, em cerca de 2000 a 2500 ocorrências actuais, as repetidas incluídas.

Inútil voltar aqui a insistir no excepcional interesse que nos deve merecer tão precioso património onomástico-linguístico, relíquias de uma tradição castiça multiseccular, em que se reflectem os nomes individuais de mais de sessenta gerações hispano-galaicas, um património não menos valioso do que o representado pelos nomes comuns, há muito exhaustivamente recolhidos e estudados em dicionários etimológicos e outros.

Permita-se-me ainda que diga que, nos 36 ensaios toponímicos, que submeto à crítica dos entendidos, calculo que haverá só um ou outro que, à luz de uma severa análise histórico-fonológica, dê azo a algum reparo, mesmo quando determinada interpretação possa à primeira vista pare-

cer aventureosa. Os nomes de lugar são, como se sabe, mais atreitos a imprevisíveis acidentes de percurso do que os nomes comuns.

A um consultante, mesmo galego, da miscelânea toponímica que se segue, poderá causar estranheza não lhe ser familiar a grande maioria — talvez três quartos— dos nomes aqui estudados. Isto não deixa de ser natural, pois trata-se com frequência de núcleos de população muito reduzida, que figuram apenas nos grandes nomenclatores, e conhecidos somente da vizinhança mais próxima. Mas nem por isto deixam de pertencer legitimamente ao património galego castiço, e no mesmo plano linguístico-cultural que os nomes de terras maiores e familiares a muita gente.

Merece ainda a pena fazer observar que certos, embora poucos, cognomes individuais latinos, que vieram a sedimentar em função toponímica, se revelam exclusivos das terras galegas. Por outro lado, acontece que aqui se possam detectar vestígios de nomes da mesma categoria histórica, não documentados na própria tradição escrita latina, sendo pois unicamente inferíveis dos rastros que aí deixaram.

Constituindo esta Miscelânea um prolongamento de outra anterior, publicada nesta revista¹, permito-me remeter o leitor para a bibliografia respectiva, que seria sensivelmente a mesma a integrar no actual estudo.

1. ABENTE

O conhecido apelido galego *Abente*² vem a ser um chamado “nome de origem”, correspondendo concretamente a uma terra qualificada de “casas de labor”, situadas no mun. de Oza dos Ríos, prov. da Coruña. A desinência *-e* de *Abente* sugere, como em tantos outros casos, um nome de possessor latino na forma do genitivo em *-ī*. Por outro lado, uma análise fonológica intuitiva de *Abente* faz pensar num protótipo lat. *A d v e n t u s*, etimologia que poderia parecer aventureosa se não existissem nada menos de cerca de 35 espécimes deste cognome, recolhidos no *Onomasticon* do *Thesaurus Linguae Latinae* (ver também I. Kajanto, *The latin cognomina*, 1965, 93 e 349).

¹ “Novos fragmentos de toponímia galega oriunda de nomes latinos de senhórios rurais medievos”, *Verba* 2, 1975, 45-58. Cfr. ainda *Verba* 6, 1979, 5-11 e principalmente *Nomes de “possessores” latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa*, Sep. de *Biblos* XXIII, 1947, 143-202 e 283-407.

² No índice da *Historia da literatura galega contemporânea*, 1975, de Carballo Calero, figuram cinco autores de apelido *Abente*, sinal da sua maior profusão.

No ponto de vista da morfologia latina, o antropónimo em aprêço é tirado de *adventus*, participio perf. do verbo intransitivo *advenire*, mas com sentido activo, integrando-se numa série de casos análogos como *Cursus, Eventus, Obitus, Reditus, Successus*, etc., em função de cognomes.

Resta ainda fazer observar que as certamente modestas “casas de labor” (na classificação do *Diccionario Corográfico de España*) deveriam ser os últimos vestígios de uma **villa Adventi*, de povoamento romano tardio. Cabe aos arqueólogos confirmar ou infirmar esta última hipótese.

2. ASNELLE E PORCELLE – SUEIRO E SUAR

Já aludimos a estes dois topónimos galegos em *Nomes de “possessores”*; artigos 39 e 332, respectivamente. Merece a pena retomar o assunto, aprofundando o comentário e insistindo no aspecto histórico-conceitual envolvido. *Asnelle* é nome de lugar do mun. de Redondela, prov. de Pontevedra; *Porcelle* o de uma aldeia do mun. de Boimorto, prov. da Coruña. Trata-se de duas denominações tanto morfologicamente como ideologicamente afins, pois estamos em presença de derivados em lat. *-ellus*, na forma do genitivo lat. *-ellī*, por um lado, e de nomes “de humildade”, cristã, pelo outro. É impressionante o número de formas onomásticas tiradas do nome comum a *ŝnus* ‘asno’: *Asinus, Asina, Asinarius, Asinianus, Asinio, Asinula, Asellus, Asellio, Asellicus, Asellianus, Asellinus*, que constam principalmente da documentação epigráfica. É certamente por mero acaso que não figura nesta frondosa série asnal o derivado **Asinellus*, que nela se insere com toda a naturalidade, estando o seu genitivo **Asinellī* na base de *Asnelle*, com palatalização normalíssima do *l* pelo *i* longo final. É evidente que atrás desta história onomástica está o longo conflito entre a ideologia cristã e pagã, em que a cabeça de asno ridiculizava a primeira, chegando os próprios cristãos a adotar este insultuoso símbolo de estupidez numa atitude de humildade cristã, recomendada no Evangelho.

No que toca a *Porcelle*, cabe fazer observar que dele existe um perfeito homónimo português, *Porcelhe* (freg. de Oliveira de Frades, distr. de Viseu), que se distingue da forma galega apenas pela grafia da palatal (-lh- = -ll-). Esta localidade identifica-se perfeitamente com uma antiga *villa Porceli*³, mencionada em 1050 (cfr. *PMH, Diplomata et Chartae*,

³ A etimologia de *Porcelhe*, encarada por Leite de Vasconcelos: **Porc-īcu-*

pág. 230). Por outro lado, não faltam referências ao cognome latino *Porcellus* (cfr. *porcellus* = ‘porquinho bravo’) e outros derivados de *porcus* (ver *CIL*, VII, 5469, etc.), ficando porém à margem da categoria onomástica aqui encarada o velho gentílico romano *Porcius*, usado p. ex. por Catão, e particularmente fértil em monumentos epigráficos do oeste da Península. É nele que assenta o topónimo esp. *Porche*⁴, casa de labor do mun. de Alcoba, prov. de Ciudad Real. Tornou-se também designação pessoal o nome do “porqueiro” (*porcarius*), atestado também na acepção de ‘vendedor de porcos’, e figurando um certo *Porcarius* nun documento medieval de 897, protótipo do topónimo port. *Porcar*, do genitivo *Porcarī*.

Faltaria alguma coisa neste contexto se não nos referíssemos ao sinónimo, ou quase sinónimo, de *Porcarius*, que vem a ser *Suarius*, do tema de *sūs*, *su-is* (var. *su-eris*), elemento dos mais fecundos na antroponímia medieval e moderna hispânica, em particular no apelido esp.-gal. *Suárez*, port. *Soares* < *Suar-ici*, patronímico de *Sueiro/Soeiro*. O genitivo simples de posse, **Suar(i)*, sem sufixo, está na raiz dos topónimos galegos *Suar* (1. aldeia do mun. de Antas de Ulla, prov. de Lugo; 2. aldeia e par. do mun. de Paradela, da mesma província), bem como *Soar* (lugar do mun. de Moraña, prov. de Pontevedra).

3. BARZAMEDELLE

Topónimo que se decompõe manifestamente em *barza* = *barcia* (port. *várzea*) ‘terreno plano cultivado’ e *Metellī*, genitivo do bem conhecido nome histórico *Metellus*. A redução do *-ī* final a *-e*, em seguida da palatalização do *-l(l)-*, vem a ser um fenómeno que se repete em inúmeros casos de antropónimos em *-ellus / -ellī*. Uma villa *Metell-īnī* deu origem a *Medellín*, mun. da prov. de Badajoz.

4. BASÁN / BAZÁN

Estamos provavelmente em presença de uma antiga villa **Bassiā-*

*lus / *Porc-īculi* (cfr. *Opúsculos*, III, 195), não se justifica por *īculus* não constituir um elemento normal na antroponímia em apreço.

⁴ Cfr. Pabón, *Nombres de la “villa” romana...*, 137.

n i, genitivo de B a s s i ā n u s, bem averbado (ver Kajanto, 142) com meia dúzia de exemplos, e derivado do adj. b a s s u s, ocorrendo também como nome próprio. B a s s i ō l u s vem a ser ‘o Baixinho’. No entanto, se a grafia com -z-, *Bazán*, merecer mais confiança, poderia também encarar a hipótese de villa *B e a t i a n ī, dada a existência em latim do cognome B e ā t i ā n u s, tirado de B e ā t u s (cfr. Kajanto, 272).

5. BASILLE, BASILLAO, BASILLÓN

A etimologia de *Basille* —aldeia do mun. de Neira de Xusá, prov. de Lugo— é tão transparente que a consigno apenas por o antigo nome de possessor, que está na sua origem, B a s i l i u s, -i(i) faltar no catálogo razoado que dediquei há tempos ao sector onomástico respectivo. Sobre a tradição antiga de *Basilius*, do grego βασιλειος ‘régio’, informa pormenorizadamente o *Thesaurus*, tomo V (1965), col. 247/248.

A evolução de (villa ou fundus) Basilii, -ī, para *Basille*, com palatalização do -l- pelo -i- longo da desinência, é normalíssima. Quanto a *Basillao* —aldeia do mun. de Pantón, prov. da Coruña—, este topónimo deve assentar no genit. em -ā n i do derivado, raro, B a s i l i - ā n u s, enquanto que *Basillón* —aldeia do mun. de Valdoviño, prov. da Coruña— sugere, ao que parece, um protótipo *B a s i l i o, na forma flectida, oblíqua, *B a s i l i - ō n e.

A recuperação do antropónimo *Basilius*, na sua feição semiculta, *Basílio*, não interessa no presente contexto.

6. BENADE e VENADE – BEADE, port. VEADE e ast. VIADI

Chamam-se *Benade* uma paróquia do mun. de Lugo e uma aldeia do mun. de Aranga, prov. da Coruña. Trata-se de uma variante do gal. *Venade*, aldeia do mun. de Capela (Faeira), part. de Pontedeume, na mesma província, a que já me referi a propósito de dois homónimos portugueses, situados na prov. do Minho. A origem de *Benade/Venade* não pode ser duvidosa, pois os topónimos em causa reflectem manifestamente o genitivo possessivo do nome pessoal latino, composto, B e n e n a t u s ‘bem nascido’, atestado em vários períodos do latim. Esta etimologia já foi vista, aliás, por Leite de Vasconcelos nos seus *Opúsculos*, III, 362-364, o qual alude à forma medieval *Bennato*, ocorrente nun documento de 1010, e ao topónimo *Benadi*, nas *Inquirições* de 1258. Escusado será dizer que es-

tamos em presença de uma evolução fonológica normal, condicionada pelo emudecimento do *-e-* intertónico latino no sintagma *b é n e - n á t u s* e a conseqüente fusão dos dois *-n-*, reduzidos a um só. Não vale também a pena insistir, por corresponder a um fenómeno por demasiado conhecido, na troca da bilabial *b-* na fricativa *v-*, prevalecte no nosso caso na proporção de três a um, e já patente numa epígrafe romana, que nos proporciona precisamente a forma vulgar *Venenatus* (cfr. I. Kajanto, 350).

Completaremos esta nota etimológica fazendo observar que o conceito de “bem-nascido” perdura, na latinidade medieval, na corrente expressão de *filiis bene natorum*, a qual, na opinião de Gama Barros —referida por Leite de Vasconcelos, *op. cit.*, pág. 363-364— significaria simplesmente “homens de nascimento livre”, e não “fidalgos”, como supunha Alexandre Herculano. Compostos comparáveis a *Benenatus*, temos em *Benedictus*, *Bencollectus* (“acolhido”) e certamente outros exemplos análogos.

Convém ainda aludir a três outros topónimos, que facilmente se poderiam confundir, no que diz respeito à sua origem, com *Benade/Venade*, se uma análise fonológica não evidenciasse que se radicam em nome pessoal distinto. Trata-se do gal. *Beade*, juntamente com o port. *Veade* e o ast. *Viadi*. Com efeito, é fácil reconhecer nesta tríade o genitivo possessivo de *B e a t u s* ‘beato’, *B e a t ũ*, cognome latino relativamente raro —o fem. *B e a t a* é mais frequente— de cunho possivelmente cristão. Os topónimos em aprêço distinguem-se claramente de *Benade/Venade* pelo emudecimento normal galego-português do *-n-* intervocálico. São três as terras galegas, denominadas *Beade*: 1. lugar e mun. da prov. de Orense; 2. aldeia do mun. de Abegondo, prov. da Coruña; 3. aldeia do mun. de Rois, igualmente da prov. da Coruña. A variante portuguesa, escrita *Veade*, ocorre também três vezes no norte de Portugal (ver *Nomes de “possessores”*, art. 67), ao passo que *Viadi*, caserio do mun. de Villaviciosa, prov. de Oviedo —que aliás coexiste a par da forma *Veade*, outro caserio, do mun. de Mieres da prov. de Oviedo— se individualiza pela grafia com *-i-*, tanto no iato da primeira sílaba como, e principalmente, pela conservação do *-i* final latino, fenómeno saliente arcaico, privativo, até hoje, em antigos nomes de possessores, do asturiano. Pergunto se a abundância na toponímia do noroeste da Península, dos nomes que reflectem o de *Beatus*, terá alguma coisa que ver com a fama de *Beato de Liébana* (da região de Santander), autor do famoso Comentário sobre o Apocalipse, da segunda metade do séc. VIII.

O top. *Casbeado* —aldeia do mun. de Castro Caldelas, Orense— já tem

carácter moderno, estando elípticamente por **casa de Beado*. A grafia com *-i-* no iato, como no ast. *Viadi*, já se documenta em *Biatus*, nun diploma de 870, dos *PMH, Diplomata et Chartae*, pág. 5.

7. BERGUNDE, BERGONDO, BERGONDIÑO

Não sei se fiz bem ao subordinar estes topónimos aos temas visigodos *b e r- 'urso'* e *g u n d- 'luta'*⁵, em princípio perfeitamente admissíveis atendendo à sua larga difusão na formação de nomes de pessoa no âmbito geográfico que aqui interessa. No entanto, não dispondo de exemplos antigos de um suposto **B e r g u n d (u s)*, quer hoje parecer-me que a explicação destes topónimos galegos *Bergunde* (lugar do mun. de Vilaboa, prov. de Pontevedra) e *Bergondo* (1. mun. e par. da prov. da Coruña; 2. aldeia do mun. de Noia, na mesma prov.) será outra. Há boas razões para pensar que se radicam no nome lat. *V e r e c ũ n d u s*, tirado do adjectivo homófono que significa 'envergonhado', 'modesto', etc. Esta nova hipótese, que é quase uma certeza, justifica-se através de dois argumentos: por um lado, a observação de que *Bergonde* espelha com absoluta fidelidade histórico-fonológica um protótipo (*v i l l a*) **V e r e c ũ n d i*; pelo outro, que o lat. *Verecundus* é um nome com abundantíssima abonação epigráfica latina: nada menos de cerca de 300 ocorrências, disseminadas por todo o império romano⁶, o que aumenta a probabilidade de ter sido usado também na Galécia. São três os acidentes fonéticos que se observam na passagem de *V e r e c u n d i* para *Bergonde*: a troca do *V* inicial em *B*, que observámos também p. ex. em *V e r i s s i m u s* > gal, *Bresmo/Bréixemo*; a inflexão (metafonia) do *-o-* do vulgar **V e r e c o n d i* —com *-o-* a corresponder ao *-u-* breve do latim clássico— fenómeno que evidentemente não se dá em *Bergondo*, forma não flectida terminada em *-u/-o*, correspondendo ao sintagma latente *vila de B*. No que toca a *Bergondiño*, escusado será fazer observar que estamos em presença de um derivado simplesmente diminutivo de *Bergondo*, pois aquela aldeia situa-se precisamente no mun. de Bergondo, a partir de onde foi certamente povoada. Não há, pois necessidade de recorrer ao já em latim existente cognome *V e r e c u n d - i n u s*.

⁵ Ver o nosso *Hispano-gotisches Namenbuch*, 1976, art. 43, n^o 4a, pág. 100.

⁶ Ver Iiro Kajanto, *The latin cognomina*, 1965, 264.

8. BERESMO e BRESMAUS – BRÉIXOME e BRÉIXEME

A explicação dos dois primeiros nomes não sofre dúvidas, pois *Beresmo* (lugar do mun. de Avión, prov. de Orense) reflecte inconfundivelmente o de *Verissimus*, ao passo que *Bresmaus* (par. e mun. de Sarreaus, na mesma província) vem a ser um derivado deste, na acepção de “gente originária de *Beresmo*”. O emudecimento do *e* naquele topónimo deve-se à deslocação do acento da primeira para a segunda sílaba. Não são raros os nomes de lugar formados segundo este modelo étnico, quer dizer em *-aus* = port. *-ãos*, lat. e cast. *-anos*. Sirva de exemplo o casualmente citado *Sarreaus*, quer dizer habitantes oriundos de *Sarria*.

Escusado será evocar a impressionante fortuna do nome *Verissimus*, confinada, nas suas formas vernáculas, ao noroeste da Península, a qual se deve ao culto de São Veríssimo, mártir em Lisboa no ano 303 ou 304. E quase desconcertante a variedade das formas foneticamente distintas que se originaram deste superlativo de *verus* ‘verdadeiro’, que se integra numa série de cognomes latinos como *Carissimus*, *Clarissimus*, *Fidelissimus*, *Firmissimus*, *Felicissimus*, *Pientissimus*, etc. (ver Kajanto, 104). Lembraremos apenas os hagio-topónimos galegos *San Bréximo*, *Sambreixo* (4 localidades), *Sambreixó* (diminutivo), assim como o ast. *Samblismo* e o leon. *Sanfelismo*⁷.

O topónimo *Bréixome*, nome de uma localidade de Parada de Outeiro, mun. de Vilar de Santos, Orense, representa uma antiga (*v i l l a*) *Verissimī*, com *-iss-* > *-eix-* e labialização do segundo *-ř-* para *-o-* pelo *-m-*. Esta explicação poderá parecer um tanto sofisticada, mas julgo não haver nada nela que não esteja dentro dos cânones admissíveis da evolução fonológico-histórica, de possibilidades latentes não raro imprevisíveis.

Verissimus pervive também nos nomes pessoais — consignados no *Dicionario enciclopédico gallego-castellano* de Eladio Rodríguez — *Bréixeme*, *Bréixome* e, com definhamento fonético extremo, *Breixo*, forma, sem dúvida, hipocorística. As duas primeiras variantes, em *-e*, reflectem o *-i* de (*S a n c t i*) *Verissimī*, usado por ocasião da cerimónia do baptismo do neófito respectivo.

⁷ Ver J. M. Piel, *Os nomes dos santos tradicionais hispânicos na toponímia peninsular*. Sep. de *Biblos* (vol. XXV-XXVI), 1950, n. 26, 44.

9. BERRANDE / VERRANDE

Parece que se pode reconhecer neste topónimo da prov. de Orense o genitivo de *Venerandus* (seis abonações antigas), gerundivo de *verere*; cfr. formações análogas como *Amandus*, *Laudandus*, *Servandus*, etc. A grafia com *v-*, mais fidedigna, *Verrande*, consta da antologia de Ferro Couselo, *A vida e fala dos devanceiros*, I, vol. I, pág. 30. O duplo *-rr-* de *Verrande/Berrande* resultou normalmente da assimilação do *-n-* ao *-r-*, na fase evolutiva **V en r a n d ĩ* —com emudecimento do *-e-* intertónico—, fenómeno que podemos observar, p. ex., na forma antiga *marrei* < **m a n r e i*, quer dizer do futuro do verbo antigo *maner/mâer*, lat. *m a n ě r e* ‘ficar’.

10. BOENTE, BUÍNTE e BENAVENTE

Já me referi sumariamente aos dois primeiros topónimos, galegos, em *Nomes de ‘possessores’*, art. 464, 161, relacionando-os com **V o l e n t i u s*, cognome ao que parece não documentado, mas inferível do gentílico *V o l e n t i l i u s*, em W. Schulze, *Zur Geschichte Pat. Eigennamen*, 170. *Boente* é nome de uma aldeia do mun. de Arzúa, *Buínte* o de outra aldeia, do mun. de Olerios, prov. da Coruña. A forma **V o l e n t i u s* ligar-se-ia com o participio *v o l e n s, -e n t i s*, de *v e l l e* ‘querer’. Não entra em linha de conta um suposto **B o n - e n t i u s*, inadvertidamente por mim encarado no art. 77a do referido trabalho, mas morfológicamente inconcebível. Escusado fazer notar que o *b-* inicial de (*v i l l a*) **V o l e n t i (i)* resulta da labialização do *v-* inicial pela vogal *o/u* subsequente. A variante *Buínte* mostra a inflexão (metafonia) do *-e-* tónico sob a acção do *-i* longo final, antes de este se atenuar em *-e*, fenómeno que condicionou também a passagem do *-o-* para *-u-*. Diga-se ainda que a evolução *-e n t ĩ > -ente* vem a ser a normal —verifiquei-a em cerca de vinte ocorrências—, ao passo que de *-inte* só conheço mais dois exemplos: *Vicinte* < *V i n c e n t i (i)*, Otero de Rey e Vilalba, Lugo. Sobre outras alternativas da evolução fonológica de *-e n t i* (*-ence*, *-ense*, *-ens* e *-enche*), cfr. *Nomes de ‘possessores’*, 170.

Não ficaria talvez mal integrar neste contexto o topónimo português *Benavente*, na freg. de Sequeira, Braga, que se explica sem violência através de **B e n e v o l e n t i u s*, com evolução do segundo componente semelhante à de *Boente*. Trata-se sem dúvida de um sinónimo de *B e n i*

v o l u s (Kajanto, 256), comparável a outros nomes pessoais formados com o advérbio b e n e, como *Benedīctus*, *Benenātus*, etc.

11. BOLMENTE, BOIMENTE, BOUMENCE, BOAMENCE, VALMENSO

Em *Nomes de “possessores”*, art. 79, 47, como em “Notas de toponímia galega”, *RFP* VI, 1953-1955, 55, atribuí o topónimo gal. *Bolmente* (Sober, Lugo) a um hipotético cognome latino **Bonimentius*, que teria pervivido nas formas medievais *Bonimenz* a. 1070, *Bonimenz* a. 1098, que Cortesão, no seu *Onomástico Medieval*, faz inutilmente acompanhar de um ponto de interrogação. A variante respectiva, foneticamente já muito evoluída, *Bolmenzo*, com *-l-*, surge pela mesma altura (a. 1064), observando-se nela a mudança do nexa secundário *-nm-*, nascido espontaneamente do emudecimento da vogal intertónica *-i-* (fase B ò n (ĩ) m é n t i u s) e alheio ao sistema consonântico galego-português. Uma fonte asturiana (cfr. Luciano Serrano, *Cartulario de S. Vicente de Oviedo*, 23 e 63, respectivamente) oferece as duas variantes em apreço: *Bonmenti* e o patronímico (*Fruela*) *Bolmenz-iz*.

Retomo aqui o fio da meada para tecer novas considerações a respeito do assunto, que interessa à história do cognome lat. *Bonimentius*, literalmente “o Bem-pensante”, composto do tipo *Bonifatus* (de *factum*) ‘o Bem-fadado’ e *Bene-memorius* “de Boa-memória”. Cabe primeiro fazer observar que *Bonimentius* não carece de asterisco. É verdade que I. Kajanto se refere três vezes a este antropónimo, sem contudo reconhecer a sua verdadeira natureza, oculta sob a forma espúria *Bonementius*, tirada de uma inscrição cristã, ICVR (Roma) 6155, onde evidentemente se deve ler *Bonementius*. O próprio K. não deixou de duvidar da sua legitimidade, interrogando, a pág. 363: “from *bonus* and *mons*?”

Reabilitado assim o cognome *Bonimentius*, de formação correcta, cabe frisar que, além de *Bolmente*, aquele cognome deixou outros vestígios inconfundíveis na toponímia galego-portuguesa. Em primeiro lugar apontarei o gal. *Boimente* (1. par. de Vivero, Lugo; 2. aldeia de Santa Comba, Coruña), parilha de *Bolmente*, que experimentou outra trajetória evolutiva, a qual consistiu no emudecimento do *-n-* intervocálico e conseqüente formação do ditongo *-oi-*. Não seria, de resto, a primeira vez que se observa duas evoluções fonológicas paralelas, uma tão legítima como a outra, e mesmo confinadas a um âmbito geográfico bastante restrito.

Haveria ainda três outros topónimos, estes portugueses, que completariam o quadro dos descendentes de *B o n i m e n t i u s*. Trata-se de *Boumence*, *Boamense* e, com grande probabilidade, também *Valmenso*, os quais apresentam a particularidade de o *-t-* do segundo componente, *-m e n t i (i)*, genitivo, ter sido palatalizado ao contacto com o *-i* longo da desinência, o que se reflecte nas grafias com *-c-* = *-ç-*, e *-s-*, respectivamente, esta última historicamente não admissível.

12. BRAY, BREY, BRAN, BRA

Tenho a impressão, senão a convicção, de que estes quatro topónimos galegos: *Bray* (Curtis, Vilasantar, Coruña), *Brey* (Ancorados, Estrada, Pontevedra), *Bran* (1. Oroso; 2. Santiso, Coruña) e *Bra* (1. Friol, Lugo; 2. Santiso, Coruña) constituem uma família toponímica homogénea, que se radica no cognome latino *V e r ā n u s*, tirado de *V e r u s* 'verdadeiro', apresentado quatro variações locais do mesmo genitivo (*villa*) **V e r ā n -ī*. Além da suposta fragmentação fonológica deste protótipo, poderia causar estranheza o número relativamente grande, seis, das suas ocorrências. No entanto, isto não estaria em desacordo com a tradição latina do cognome em causa, a qual conta nada menos de uns quarenta exemplos, quer dizer muito mais do que qualquer outro do tipo onomástico em causa (cfr. Kajanto, 108).

Uma análise histórico-fonética das quatro variantes em apreciação poderá por ventura firmar o nosso modo de ver. A redução do nexos inicial *v e r-* a *br-*, comum às nossas quatro formas, observa-se também em outros casos, como no gal. *Brea* < *v e r ē d a*, ou, próximo do nosso contexto, em *Bréixome* < *V e r ṽ s s ṽ m ṽ* (cfr. artigo 8). Em *Bray* e *Brey* ocorre o emudecimento normal do *-n-* intervocálico, donde resulta o ditongo *-ai* ou *-ei*, respectivamente, no último caso com assimilação do *-a-* a *-i-*. Por outro lado, em *Bran*, o emudecimento do *-i* latino final precedeu o de *-n-*, conservando esta consoante assim a sua integridade. Quanto a *Bra*, esta forma deve implicar o conhecido fenómeno esporádico local de redução de *-an* a *-á*.

Os problemas aqui ventilados complicam-se um pouco devido à existência, tanto em nomes comuns como de lugar, do homónimo *verānus* 'verão', derivado não de *v ē r u s*, mas de *v e r*, *v e r i s* 'primavera'. Trata-se de um conjunto de termos bem conhecidos, que apresentam a mesma característica *v e r-* > *br-*, como *braña* 'pasto de verão', etc., *Bra-*

ñã(s) < verã n - e a (s), branda/Branda(s) ‘lugares de pastagens nas montanhas; lat. **verã n - ã t a*, assim como *brañadoiro (-ouro)* ‘pastagens veranegas’, —compare-se com o sinónimo *agostadoiro*— etc. = lat. padrão **verã n - ã t - õ r i u m*, etc. família lexical-toponímica de que já me ocupei noutra ocasião. Esquecia-me de dizer que, tanto *Bray* como *Brey*, se tornaram também apelidos ainda hoje usados.

13. BUXÁN, VILARBUXÁN

No meu estudo *Nomes de “possessores”*, art. 79b, subordinei *Vil(l)ar-buxán* (Bóveda, Lugo) a um suposto antropónimo latino **B u s i ã n u s*, verificando posteriormente que esta forma não carecia quase de asterisco, pois está bem documentada já no séc. IX, segundo averiguou Pedro Cunha Serra, *BF*, vol. 22, 1964-1973, 257 ss. e 24, 1975, 331: *Busianus* a. 877, *Busiano* a. 1004 e *Vitisclus Busiani* a. 863. Trata-se de um cognome relacionado certamente com *B u s i o*, forma, de origem bastante enigmática, aliás, apontada por W. Schulze, 38. Ver no sólido estudo de Serra as referências, além do gal. *Buxán*, ao port. *Bujão*, *Bujões*, *Vijão* e leon. *Busianos* (Zamora), com exaustivos comentários.

14. CABRUY

A desinência *-uy* não tem nada que ver com a homónima *-uy/-oy*, do nordeste hispânico, magistralmente estudada por Menéndez Pidal em *Toponimia prerrománica hispana*, 1952, 29-32. No caso incidente —como em outros galegos—, *oy* resulta da desinência *-õ n ĩ*, genitivo possessivo de nomes latinos terminados em *-õ n i u s*, no caso presente *C a p r - õ n i u s*, cognome consignado por W. Schulze, e que está na base do topónimo asturiano —de tipo mais arcaico— *Cabruñana* (Oviedo) < *villa* **C a p r - õ n i - ã n a* = *villa Capruniana* (séc. X), *Cabrugnana*, etc.; cfr. A.C. Floriano, *Cartulario de Cornellana*, 1949, 91 e C. Bobes, *Emérita* XXVIII, 1960, 266. Não deixa de causar estranheza e necessitaria uma explicação a grande abundância de nomes latinos “caprinos”, como *Capra*, *Caprius*, *Caprarius*, *Caprasius*, *Caprentius*, *Capratinus*, *Capreolus* e outros.

Cabruy é nome de uma paróquia de Mesía, Órdenes, Coruña.

15. CANTARABÁ

A primeira impressão que se colhe deste topónimo —aldeia do mun. de Irixoa, prov. da Coruña—, de feição um tanto estranha, a de que se poderia tratar de un nome frásico do tipo esp. *Cantalapiedra*, *Cantarrana*, *Cantalobo*, *Cantagallo*, *Cantalpino*, etc. —nomes “que cantam”—, deixa-nos insatisfeito por não dar conta do segundo componente *-rabá*. Em contrapartida, a desinência *-á* não é uma incógnita, pois é identificável com o sufixo latino e espanhol *-ana* = port. *-ã*, inconfundivelmente característico das *villae* romanas. Pertencentes a esta classe de topónimos, temos, p. ex., os nomes geográficos galegos *Amarelá*, do nome pessoal lat. *A m a r e l l u s*, *Añá*, de *A n n i u s*, *Ousá*, de **A u s i u s*, e outros mais (ver os artigos nºs. 14, 20, 56a, 85 e 223 do nosso citado trabalho sobre os *Nomes de ‘possessores’*). Estas premissas levam-me a crer que *Cantarabá* vem a ser uma forma gêmea, corrompida, do cast. *Cantabrana*, vila e município da prov. de Burgos. Este topónimo, ao qual se deve agora agregar o gal. *Cantarabá*, falta no art. 89a, subordinado ao etnónimo *C a n t a b r i u s*, ou seja o “Cantábrico”. O antropónimo *Cantabrius*, assim como *Cantaber* e *Cantabrinus* constam claramente da tradição onomástica latina. Uma localidade *Cantabriana*, situada na diocese de Lamego, figura na chamada “Divisão de Wamba”, do séc. VI. Note-se ainda que o admitido “acidente de percurso” fonológico, que originou a troca pouco ortodoxa, aliás, das duas sílabas finais de **Cantabrã/*Cantabrá* para *Cantarabá* não constituiria um fenómeno inaudito, podendo pensar-se na interferência, semanticamente não motivada, de *cantar* ou *cântaro* e *rabo*.

16. CELAVENTE e VÍL(L)ARVENTE

Nome de um lugar e paróquia do mun. de O Bolo, prov. de Orense, *Celavente* remonta à forma antiga *C e l l a u a l e n t i*, a. 1029, que figura no *Cartulário de Celanova*, fol. 157, merecendo ser integrada na família dos derivados de *Valentius*, que apreciamos em *Nomes de ‘possessores’*, art. 437, 155-156. No que toca a *Villarvente*, Lugo, hesitei entre a interpretação *Villar-Vente* e *Villa-Arvente*, do documentado cognome latino *A r v e n t i u s*. O dilema resolve-se a favor da primeira hipótese, atendendo ao facto de *Villarvente* se denominar, em 817, *u i l l a r U a l e n t i*, segundo mostrou Olano Silva, *RDTP X*, 1954, 225.

De *V a l e n t i u s* chegou a formar-se o frequente derivado *V a l e n*-

t ĩ n u s —no OM *Valentinu*, a. 983—, o qual sobrevive nas formas toponímicas galegas *Ventín* (3x), *Vintín* e *Bentín* (2x), das quais me ocupei em *Nomes de “possessores”*, art. 438. Sobre *Bente* < B e n e d ĩ c t ĩ, cfr. art. 437, 156.

17. CRECEDUR e CREXENTE

Não é difícil deduzir a etimologia de *Crecedur*, nome de um caserio do mun. de Vilamarín, prov. de Orense. Estamos sem dúvida alguma em presença de um particípio do futuro em -t ũ r u s, comparável a *Vivitūrus*, e tirado do verbo *crescere* ‘crescer’, *Crescīt ũ r u s*, significando, pois, “o que ha de medrar”, julgo em sentido figurado, religioso, atendendo a que *Cresciturus*, ao que parece um “hapax”, ocorre numa inscrição cristã da província de Bisâncio. A forma antiga *Creceduru* ocorre num documento medieval de 937 (*PMH, Diplomata et Chartae*, pág. 26, nº 43). Evidentemente que a forma *Crecedur* supõe o genitivo em -ī, vogal absorvida pela líquida -r.

No que toca a *Crexente*, forma que se lê numa conhecida cantiga d’ Amigo —nº 280 da ed. de J.J. Nunes: *souto de Crexente*— e relacionada com o antigo verbo *crexer*, conviria integrá-la no artigo *Crescentius*, nº 109, 58-59, de *Nomes de “possessores”*, onde figuram quatro ocorrências galegas de *Crecente*, além de uma de *Creciente*, no mun. de Pontevedra. Vejam-se também aí os artigos *Cresconius*, **Crescitus*, **Crescinus* e *Crescimirus*, nºs. 110-113.

18. DONÓN

Uma explicação admissível de *Donón* estaria em relacionar este topónimo —de Hío (San Andrés), Cangas, Pontevedra— com um suposto **D o m n - ō n e*, forma flectida de *D o m n o*, que figura numa inscrição cristã, averbada por Kajanto, 119 s. e 363, a qual viria a ser uma variante vulgar de *D o m n u s / D o n n u s = d o m ĩ n u s*. De notar que, sempre segundo Kajanto, o avô do referido *Domno* usava o nome de *Domnius*. Sobre *Donón* veja-se também o nosso *Hispano-got. Namenbuch*, § 68/3c, 113.

19. FERMOSELLE

Este nome de uma localidade, já situada aliás fora do âmbito geográfico galego, na prov. de Zamora, ascende claramente a um cognome lat. *F o r m ō - s e l l u s, tirado de F o r m ō s u s —uma única abonação em Kajanto, 23—, apresentando a dissimilação -o-o- > -e-o-, bem conhecida da forma do adjectivo gal.-português antigo *fermoso/fremoso*, e já censurada, como sendo um vulgarismo, pelo autor da “Appendix Probi”. A forma restaurada, também em relação à vogal final, *Formoselha* (= ant. *Fermoseli/Fremoseli* —no séc. XV—, *Fremoselhi/Fermoselhe*), ocorre em Portugal, no conc. de Montemor, distr. de Coimbra (ver art. 150, 73-74, de *Nomes de ‘possessores’*). Teríamos, pois, um equivalente moderno de *F e r m o s e l l u s no frequente apelido actual português *Formosinho*, que não deve faltar também em galego.

20. FONTEY

Tudo leva a crer que o -ei de *Fontey*, freg. do município da Rúa, Orense, resultou do nexu primitivo -ā n ī, como *Brey*, acima apontado sob o nº 12, se criou de *V e r ā n ī. Estaríamos, pois, diante de uma (*villa*) *F o n t - ā n i, genitivo de F o n t ā n u s, cognome averbado por Kajanto, 81 e 308, manifestamente inseparável de f o n s / f o n t e, como acontece também com *Font-īnius* e *Font-eius*, que figuram em W. Schulze, 212 e 293.

21. FRUÍME

Ignoro se existem referências medievais a este conhecido topónimo, designativo de uma terra do mun. de Lousame, Coruña. Seja como for, a sua origem vem a ser uma das mais evidentes: gr.-lat. F r o n ī m i u s, tirado do gr. φρόνιμος ‘recatado, consertado’. A etimologia (*villa*) *F r o n ī m ī, propriedades de um tal *Fronímio*, salta aos olhos. O -n- apagou-se normalmente, passando o -o- a -u-, no iato com -i-. O antropónimo *Fronímio* não figura nas fontes exploradas na obra de Kajanto.

22. LOBEZAO

Nome de uma aldeia do mun. de Friol, prov. de Lugo, *Lobezao* nada tem que ver com *lobo*, como poderia parecer, pois existem não poucos topónimos motivados por este temível carnívoro. Na realidade, *Lobezao* não passa de uma variante do gal. *Lebozán* —duas ocorrências— e port. *Lebução*, formas que se radicam por sua vez e incontestavelmente no lat. *Nepotiānus*, -āni, com troca de *n-* para *l-*, segundo se pode demonstrar através de inúmeros testemunhos medievais —*Nepozianus* a. 968, *Nepuzanus* séc. IX, *Nebuzano* 1099, etc.—, derivado do gentílico latino *Nepōtius*, e este dependente de *nepos*, *nepotis* ‘o neto’. Remeto para o meu artigo nº 273, 113, de *Nomes de “possessores”*.

23. LOCA Y, VILLALOCAY

Trata-se de manifestos continuadores de **Leocadi* (i), genit. do gr.-lat. *Leocadius* ‘o Branco’, formas a que já me referi em *Nomes de “possessores”*, art. 203, 93, onde falta apenas a referência medieval “*inter tosibi et leocadi*”, do séc. XI, assinalada por Olano, *Bol. de la Comisión Prov. de Monumentos Hist. y Artísticos de Lugo*, X, 1977-1978, 26. A terra chamada *Locay* situa-se em Alta, mun. de Lugo, a de *Villalocay* no mun. de Coaña, prov. de Oviedo. Entra neste contexto a forma feminina port. *Lucaia* < *Leocadia*, no conc. de Amarante, Porto, assim como a variante popular, truncada, *Caia*, nome de um posto fronteiriço luso-espanhol.

24. MAZOY

Seria extremamente difícil dar com a origem do nome de lugar de *Mazoy* (San Vicente —ou Sta. Eulalia de San Vicente—, Lugo) se não dispuséssemos do testemunho medieval seguro de (*villa*) *Macedōnī*, a. 998, recolhido por V. de Olano Silva, *RDTP* X, 1954, 208, tratando-se, pois, do assentamento de um chamado *Macedōnius* ‘natural da Macedónia’, sinónimo de *Macedōnicus* (cfr. Kajanto, 52), cognome honorífico atestado em 146 a. Cr., e da mesma classe que *Gallaicus*, *Germanicus*, *Numidicus*, etc., quer dizer conferidos a generais vencedores romanos. Falta averiguar se *Macedōnius* figura no *Thesaurus* ou se estamos em presença de um “hapax”.

A trajectória fonológico-histórica, que do genit. *M a c e d ō n ĩ*, fez nascer o topónimo galego *Mazoy*, não tem nada de arbitrária. O primeiro *-o-* resulta da labialização do *-a-* pelo *-m-* inicial na fase evolutiva **Maceoi* = *Maceoni*, a. 1088, com emudecimento do nexa intertónico *-ed-*, assim como o do *-n-* intervocálico.

No entanto, com esta evolução de *-ō n ĩ* para *-oy*, que caracteriza a forma *Mazoy* e que se observa em nove ocorrências de *-ō n ĩ* em topónimos galegos, alternam mais duas, outras, pelo menos, as quais reduzem aquela desinência a *-ón* (em doze casos), ou a *-oñe* (em três casos), disparidade que se pode ilustrar através dos exemplos singelos *Bascoy* (Mesía, Coruña) < *V a s c ō n ĩ*, *Ousón* (Becerreá, Lugo) < *A u s ō n ĩ* e port. *Pedronhe* < *P e t r ō n ĩ* (Tondela, Viseu). Ignoro se estas três alternativas na evolução de *-ō n ĩ* se devem a factores cronológicos ou regionais dialectais.

25. MÉIXOME e MEIXOMÍN

Vislumbram-se nestes dois topónimos os protótipos históricos *M a x ĩ m u s* e *M a x ĩ m ĩ n u s*, de boa tradição latina, e ambos, como era de esperar, na forma do genitivo possessivo em *-ī* e com a labialização característica do *-ī/-e-* em *-o-* sob a acção do *-m-*, fenómeno que já conhecemos do top. *Bréixome* < *V e r ĩ s s ĩ m ĩ* (art. nº 8). *Méixome* é uma terra de Lalín, Pontevedra e outra, de Leobalde, Tordoia, Coruña, e *Meixomín*, de Muiñeira, Lalín, Pontevedra. A redução do nexa *-ax/-acs-* a *-eix-* não passa de um fenómeno normal de fonologia galego-portuguesa⁸.

26. PADRIÑÁN

Nome de três povoações galegas —1. Mondoñedo, Lugo; 2. Sarria,

⁸ Integram-se ainda na fecunda família onomástica do superlativo *m a x ĩ m u s* os topónimos galegos *Méixemo* e *Meixente*, da prov. de Lugo, ascendentes a *M a x ĩ m u s* e *M a x e n t i u s*, respectivamente, bem analisados por Nicandro Ares, em *Grial* nº 68, 1980, 237-239. Cabe ainda lembrar o gal. *Meixide* (Palas de Rey, Lugo) = port. *Meixide* e *Mexide*, que se entroncam em *M a x i t u s / M a x i d u s*, formas documentadas no séc. X —e, ao que parece, sem tradição conhecida latina—, às quais me referi em *Nomes de "possessores"*, art. 249. É verdade que não se pode excluir de todo a possibilidade de se tratar de derivados do lat. *m y x a* 'ameixa', o que não sofre dúvida no caso do port. *Meixedo*, com sufixo colectivo inconfundível.

Lugo; 3. Sanxenxo, Pontevedra—, expliquei-o em *Nomes de “possessores”*, art. 310, através de *P a t r i n i - ā n u s. Posteriormente, noto que a suposta forma (villa) P a t r i n i a n i existia efectivamente no âmbito do mosteiro de Taranco, no partido de Villarcayo, prov. de Burgos (cfr. A. C. Floriano, *Diplomática Española del período astur*, I, 516). Mesmo assim, dada a situação geográfica deste possível testemunho, bem como da raridade do cognome *Patrīnius*, encararia de preferência a hipótese de o triplo topónimo galego *Padriñán* remontar ao genit. de P a t e r n i ā n u s, tirado de P a t e r n u s, e documentado na latinidade tardia, em referência a treze indivíduos (cfr. Kajanto, 304).

27. PREGUÍN

São duas as hipóteses de encarar na explicação deste topónimo do mun. de Arteixo, Coruña: *Peregrīnus* e **Pecorīnus*, de *Pecorius*, merecendo sem dúvida a preferência a primeira: villa **Peregrīnī*. Sobre *Peregrīnus*, cfr. Kajanto, 81 e 313. Suponho que *Preguín* se pronuncia com -e- aberto e acento secundário, em conformidade com a estrutura fonética de *Pèrēgrīnus*.

28. PRÓGOL e PRÓGALO

Na documentação medieval, publicada por X. Ferro Couselo sob o título de *A vida e a fala dos devanceiros*, I, 1, 1967, menciona-se a pág. 31 um lugar chamado (San Pedro de) *Progol*, o qual deve corresponder ao actual *Progo*, par. do mun. de Ríos, prov. de Orense. Basta esta forma actual para legitimar a pronúncia *Prógol*, paroxítona, do topónimo de 1273, e esta leva-nos infalivelmente ao étimo *Procŭlus*, cognome dos mais fecundos na tradição latina (cfr. Kajanto, 19, 40, 42 e 176). Estamos, pois, em presença de uma villa *Procŭli*, com emudecimento do -r̄ e consequente conservação do -l-, primitivamente intervocálico, em posição final⁹.

⁹ Já redigido este artigo, verifico que no meu verbete respeitante à história de *Procŭlus* faltavam elementos substanciais, proporcionados por N. Ares Vázquez no *Bol. de la Comisión Prov. de Monumentos Hist. y Artísticos de Lugo*, t. VIII, 1967/68, 187, o qual reuniu uma impressionante sequência, cronologicamente coordenada, de referências a Santiago de *Prógalo*, mun. de Lugo, a qual, devido à sua exemplaridade, vale a pena de ser reproduzida: “villa praenominata *Procul*” a. 1088, “villa

29. SADUR

Seria um erro querer invocar a respeito de *Sadur* o topónimo *Crecedur*, apontado acima, art. 17. A semelhança entre as duas formas é de ordem puramente formal, embora *Sadur* entre na mesma classe de nomes de senhorios. Trata-se de um lugar mencionado na colecção precedente, de Ferro Couselo, 28, doc. 16, numa lista de testemunhas onde figura um certo *Meen Píriz di Sadur*. Este antigo topónimo volta a aparecer adiante a pág. 34, doc. 21, em referência a um “Domingo Iohanis, notario en toda a Costa de *Sadur*”. Sobre a origem deste topónimo não pode haver duas opiniões, pois reconhece-se nele o cognome latino *S a t ū r i u s = S a t y r i u s, com substituição normal do -y- grego por -ū-. Foi por conseguinte uma v i l l a *S a t ū r i ū que perdurou no topónimo antigo *Sadur*, com emudecimento do -i final. O nome pessoal em apreço deu origem a derivados em -ūllus, -ullīnus, -iānus, -iolus, -īnus e -īnius. O carácter pagão de *Satyrus* não impedia que este nome invadisse até o santoral, pois temos na toponímia francesa um *Saint Satur* (dép. Cher) = a. 1143 *Sanctus Satyrus* (cfr. A. Vincent, *Toponymie de la France*, § 904, 344). —Escritas estas linhas verifico que as conclusões a que acabámos de chegar, seriam as mesmas se partíssemos do protótipo S a t u r / S a t u r u s, Kajanto, 18 e 233.

30. VIADOR

Deve buscar-se a origem deste nome de duas aldeias galegas —sitas, uma no mun. de Capela-Ribadeume, prov. da Coruña, a outra no mun. de Lugo (Ánxeles)—, o qual se prende visivelmente com o adjectivo lat. v e n a t ō r i u s ‘o que diz respeito à caça’, sendo evidente a conexão deste com v e n ā t o r ‘caçador’. Embora não directamente abonado na tradição onomástica latina, a existência do antropónimo *V e n ā t ō r i u s pode inferir-se com segurança de *Venātor* e *Venatoriānus* (cfr. I. Kajanto, 324, formas ausentes, aliás, no *Thesaurus*), assim como da forma medie-

Proculi” a. 1089, “villa *Próculo*” a. 1094, “villam de *Procul*” a. 1099 e 1120, “in *Prugul*” a. 1133, *Progul/Pregol* a. 1160, etc. Desta cadeia de abonações medievais pode, creio, deduzir-se que a forma actual *Prógalo*, de Lugo (referida também a um *castro*), com dissimilação das duas vogais internas, vem a ser uma variante posteriormente restaurada de *Prógol*, talvez sob o influxo de termos comuns ou toponímicos em ‘alo.

val, já evoluída, *Venedario (Odorio)*, que figura no documento nº 109, 69, do ano 973, dos *PMH, Diplomata et Chartae*. Acresce que no Tumbo de Celanova se menciona uma *villa de Venadori*, forma precursora de *Via-dor* de Lugo. No que toca ao aspecto fonológico, não deixa de ser normal a passagem do *-e-* de *Venator(i)* para *-i-*, no iato com *-a-* a seguir ao emudecimento do *-n-* intervocálico, como não é menos normal que o *-i* final do genitivo seja absorvido pela líquida *-r-*, como acontece também com *-l-*.

31. VIENTO, VENTO e VENTE

É claro que o nome galego *Viento* —no mun. de Narón, prov. da Coruña— não se pode identificar de nenhuma maneira com o nome comum castelhano *viento*, e no que toca a *Vento*, não sei se será indicado atribuir sem reserva este repetido topónimo ao apelativo homónimo. Em princípio, nada impede que se dê o nome de *Vento* implicitamente a um sítio particularmente exposto aos ventos, mas é normal que, num caso desses, a língua recorra ao sufixo *-osa*, *-oso* ou, com duplo sufixo, *-os-elo*, *-os-ela*, tipos de formação comuns, aliás, a toda a Península, mas particularmente comuns na Galiza, onde ocorrem, pelo menos, cerca de 10 *Ventosa*, 6 *Ventosela*, 5 *Ventoso* e 4 *Ventose-lo*.

No que respeita ao simples *Vento*, nome de 7 aldeias galegas, a maioria situada na província da Coruña, levanta-se o problema de saber se em todas as ocorrências se trata do fenómeno atmosférico, ou se não estaremos em presença de *Bento* = *Benedictus*, nome que, dada a grande difusão do culto do santo, deixou tão numerosos vestígios no onomástico pessoal e de lugares na Idade Média (ver *Nomes de "possessores"*, art. 74, 45). A troca de *b* em *v* não seria fenómeno fonético inaudito, segundo se vê por um exemplo inverso como *Ventín/Vintín*, ao lado de *Bentín* = ant. (villa) *Valentini* (cfr. art. 438 de *Nomes de "possessores"*, 156).

O que parece confirmar a nossa hipótese, é a existência de duas terras galegas chamadas *Vente* —1. casa de labor do mun. de Laracha, Coruña; 2. caserio do mun. de Ribadumia, Pontevedra— cujo *-e* final sugere um genitivo em *-ī*: (villa) *Benedictī*. É verdade que entraria também em linha de conta a etimologia (villa) *Valentī*, com genitivo em *-ī* em vez de *-is*, mas abonado em *Vilarvente*, aldeia do mun. de Lugo, = *uillar Valenti* a. 897.

32. VILLANTIME

Os nomes das terras galaico-asturianas, formados por meio do determinado *villa/vila*¹⁰, em oposição aos casos em que é apenas o antropónimo determinante que subsiste, elipticamente, apresentam tão grande interesse para a história do povoamento, que bem mereceriam um estudo particular de conjunto. Tratar-se-ia, entre outros objectivos, de estabelecer os limites geográficos entre a primeira das aludidas categorias, mais arcaica, e a segunda, já mais evoluída. Sirva de exemplo o gal. *Villantime* —paróquia do mun. de Arzúa, prov. da Coruña— em confronto com o port. *Antime*, que ocorre duas vezes no Minho, distritos de Braga e do Porto, de antiquíssimo e densíssimo povoamento. Não sofre dúvida que *Antime* assenta no genitivo do gr.-lat. *Antimēi*, tirado de *ἄνθεμος* ‘flor’, e constante da epigrafia cristã latina. No *-i-* de *Antime* observa-se uma vulgar inflexão (metafonia) do *-e-* tónico primitivo sob a acção do *-i* final do genitivo, reduzido posteriormente a *-e*. Este fenómeno já se manifesta na forma medieval *Antimi*/*Antimy* (*S. Maria de ~*); cfr. *PMH, Inquisitiones*, 49a e 650b.

33. VILLAPÚN

Nome de uma aldeia do mun. de Cervantes, prov. de Lugo, assim como de um lugar do mun. de Santervás de la Vega, prov. de Palencia, *Villapún* deve ligar-se ao cognome lat. **Appōnius*, tratando-se de uma *villa* **Appōnī*. É verdade que conhecemos este apelido latino apenas grafado com um *-p-* único, de que teoricamente deveria resultar um *-b-*. No entanto, com vista ao gentílico *Appius*, bastante difundido e que deve estar na raiz do derivado em *-ōnius*, estamos certamente autorizados a admitir a existência de uma variante com *-p-* geminado.

34. VILLAPOUPRE

Já em *Nomes de “possessores”*, sob o n^o 312a, tive o ensejo de aludir a este topónimo —aldeia do mun. de Antas de Ulla, prov. de Lugo—,

¹⁰ Não tenho a possibilidade de verificar, até que ponto a grafia e a pronúncia *Villa-*, com *-l-* palatal à espanhola, chegou a impor-se, no galego corrente, à historicamente genuína *Vila*.

encarando dubitativamente a etimologia *villa *Páuperī*. Convenci-me entretanto de que o ponto de interrogação, com que fiz acompanhar esta hipótese, não tinha razão de ser, pois o adj. *pauper*, em função onomástica, se revela como sendo um cognome de atestação segura, com pelo menos quatro ocorrências no *CIL*, V, segundo I. Kajanto, 287. Inclino-me a reconhecer em *Pauper* um nome simbólico, de carácter cristão, inspirado nos “pobres de espírito” do Evangelho de que reza o Sermão da montanha: “*Beati pauperes spiritu: quoniam ipsorum est regnum caelorum*” (Mat. 5.3), e “*Beati pauperes: quia vestrum est regnum Dei*” (Luc. 6.20). I. Kajanto 287, insere *Pauper*, sem comentário especial, num grupo de cognomes que evocam a piedade.

Resta aludir a um dilema de ordem histórico-fonética: o de saber por que razão o adj. *pauper* evoluiu, no léxico comum, para *pobre*, com *-o-* e *-b-*, e *pauperī* se apresenta com ditongo *-ou-*, fiel reflexo do *-au-* latino, e conseqüente conservação da oclusiva *-p-*. A única explicação, muito aleatória, aliás, que me ocorre, seria a de admitir que *pobre* deriva de um vulgarismo latino **poper*, com monotonguização de *-au-*, o qual progrediu apenas para *-ou-*, quer dizer sem perder o seu carácter de ditongo. Nesta perspectiva, *Vila-poupre* individualizar-se-ia como sendo um elemento arcaico-conservador, em confronto com *pobre*¹¹.

Afim de evitar um possível malentendido, desejaria ainda frisar que foi conscientemente que admiti, na apreciação de *Vilapoupre*, um genitivo vulgar **pauperī*, análogo ao tipo *puer: puerī*, em substituição da flexão clássica *pauperis*, por ser aquele o único a sobreviver, e em centenas de casos, na formação dos nomes de possesores de origem latina, e com absoluta exclusão de genitivos em *-is*.

35. VÓS, BOS, VILARDEVÓS

A explicação de um topónimo da categoria em estudo torna-se particularmente difícil quando a sua estruturação fónica primitiva sofre um desgaste considerável, reduzindo-o, como parece no caso presente, de três sílabas a uma só. Mesmo assim, creio reconhecer em *Bos*, lugar de Guísa-

¹¹ O bastante discutido problema da evolução fonética de *pauper* para esp.-port. *pobre*, historicamente pouco transparente, voltou a ser novamente analisado por J. Corominas no *DCECH* —com colaboração de J. A. Pascual—, vol. IV, 1981, 584-585. O top. *Vilapoupre* vem trazer um novo elemento a este debate.

mo, Bergondo, Coruña, inseparável, aliás, do port. *Vós*, o cognome latino *Bonōsus*, abundantemente (umas onze vezes) documentado no Baixo Império —cfr. o catálogo em Solín, 110—, e vivaz ainda na Idade Média; cfr. p. ex. *Bonoso* a. 883 e 965 em *PMH, Diplomata et Chartae*, 6 e 57. Acresce que a forma *Bos* seria precisamente a que se poderia esperar legitimamente, em conformidade com as normas da fonologia histórica, de uma base (*villa*) *Bonōsi*. O topónimo português *Vós* corresponde a um lugarejo da freg. de Arcias, S. Tirso, Porto.

36. XENDIVE

Este topónimo galego ocorre duas vezes na prov. de Orense, tratando-se, num caso, de um lugar e paróquia do mun. de Boborás, no outro de um lugar do mun. de Lovios. O comentário a *Xendive* (com $\check{z} > \check{s}$) pode reduzir-se a duas palavras, pois esta forma reflecte ainda bem a sua origem, que não pode deixar de ser uma (*villa*) *Genītvī*, genitivo (sic!) do cognome latino *Genētīvus*, abundantemente autorizado na tradição epigráfica (cfr. I. Kajanto, 312), o qual poderíamos traduzir por ‘inato’, ‘nativo’ ou ‘vernáculo’, na acepção latina. A etimologia de *Xendive* é tão evidente, que ela se poderia firmar mesmo se não dispuséssemos de antecedentes latinos (8 no *CIL*) e da abonação medieval *Genetivio*, do ano 1015, em *PMH, Diplomata et Chartae*, doc. nº 226, pág. 141.

INDICE DE PALABRAS

<i>Abente</i> § 1	<i>Annius</i> § 15	* <i>Asinellī</i> § 2
-acs- § 25	<i>Anthemius</i> § 32	* <i>Asinellus</i> § 2
<i>adventre</i> § 1	<i>Antime</i> § 32	<i>Asinianus</i> § 2
* <i>Adventi, villa</i> § 1	<i>Antimi</i> § 32	<i>Asinio</i> § 2
<i>Adventus</i> § 1	ἄνθεμος § 32	<i>Asinula</i> § 2
<i>adventus</i> § 1	<i>Añá</i> § 15	<i>Asinus</i> § 2
<i>agostadoiro</i> § 12	- <i>aōs</i> § 8	<i>asīnus</i> § 2
<i>Amandus</i> § 9	<i>Appius</i> § 33	<i>Asnelle</i> § 2
<i>Amarelá</i> § 15	* <i>Appōnī, villa</i> § 33	<i>Assellianus</i> § 2
<i>Amarellus</i> § 15	* <i>Apponius</i> § 33	<i>Assellicus</i> § 2
- <i>ana</i> § 15	<i>Arventius</i> § 16	<i>Assellinus</i> § 2
- <i>āni</i> § 5, 20	<i>Asina</i> § 2	<i>Assellio</i> § 2
- <i>anos</i> § 8	<i>Asinarius</i> § 2	<i>Assellus</i> § 2

- aus § 8
 *Ausius § 15
 Ausōnī § 24
 -ax- § 25

barcia § 3
barza § 3
barzamedelle § 3
Basan § 4
Bascoy § 24
βασιλειος § 5
Basili-ānus § 5
Basiliī, 𐌶 (villa ou fundus) § 5
 **Basilio* § 5
Basilio § 5
 **Basili-ōne* § 5
Basilius, -i(i) § 5
Basilius § 5
Basillao § 5
Basille § 5
Basillón § 5
 **Bassiāni, villa* § 4
Bassiānus § 4
Bassiōlus § 4
bassus § 4
Bazán § 4
Beade § 6
 **Beado, casa de* § 6
Beata § 6
Beatī § 6
 **Beatianī, villa* § 4
Beātiānus § 4
Beato de Liébana § 6
Beātus § 4, 6
Beatus § 6
Benavoente § 10
Benade § 6
Bemadi § 6
Bencollectus § 6
bene § 10
Benedictī § 16
Benedictī, (villa) § 31
Benedīctus § 31
Benedīctus § 6, 10

Bene-memorius § 11
Bonemontius § 11
Benenatus § 6
béne-nátus § 6
Benenātus § 6, 10
 **Benevolentius* § 10
Benivolus § 10
Bennato § 6
Bente § 16
Bentín § 16, 31
Bento § 31
ber- § 7
Beresmo § 8
Bergonde § 7
Bergondiño § 7
Bergondo § 7
Bergunde § 7
 **Bergund(us)* § 7
Berrande § 9
Biatus § 6
Boamense § 11
Boente § 10
Boimente § 11
Bolmente § 11
Bolmenz-iz § 11
Bolmenzo § 11
Bonementius § 11
 **Bon-entius* § 10
Boni-fatius § 11
Bonimense § 11
 **Bonimentius* § 11
(Bòn(ī)méntius) § 11
Bonimentius § 11
Bonimenzo § 11
Bonimenti § 11
Bonōsi, (villa) § 35
Bonosus § 35
Bonōsus § 35
Bos § 35
Boumence § 11
br- § 12
Bra § 12
Bran § 12
branda § 12
Branda(s) § 12
braña § 12

Braña(s) § 12
brañadoiro § 12
Bray § 12
Brea § 12
Bresmaus § 8
Bresmo § 7
Bréixeme § 8
Bréixemo § 7
Breixo § 8
Bréixome § 8, 12, 25
Brey § 12, 20
Bréximo, San § 8
Buinte § 10
Bujão § 13
Bujões § 13
Busiano § 13
Busianos § 13
 **Busiānus* § 13
Busianus § 13
Busio § 13
Buxán § 13

Cabrugana § 14
Cabruñana § 14
Cabruy § 14
Caia § 23
Cantaber § 15
 **Cantabrā* § 15
 **Cantabrā* § 15
Cantabrana § 15
Cantabriana § 15
Cantabrinus § 15
Cantabrius § 15
Cantabrius § 15
Cantagallo § 15
Cantalapiedra § 15
Cantalobo § 15
Cantalpino § 15
cantar § 15
Cantarabá § 15
cántaro § 15
Cantarrana § 15
Carissimus § 8
Capra § 14
Caprarius § 14
Caprasius § 14

- Capratinus* § 14
Caprentius § 14
Capreolus § 14
Caprius § 14
 *Caprōni-āna (villa) § 14
Capr-ōnius § 14
Capruniana, villa § 14
Carissimus § 8
Casbeado § 6
Celavente § 16
Cellauallenti § 16
Clarissimus § 8
Crecedur § 17, 29
Crecente § 17
Creciduru § 17
Creciente § 17
Crescentius § 17
Crescere § 17
Crescimirus § 17
 **Crescinus* § 17
Crescītūrus § 17
Cresciturus § 17
 **Crescitus* § 17
Cresconius § 17
Crexente § 17
Crexente, souto de § 17
Crexer § 17
Cursus § 1

domīnus § 18
Domnius § 18
Domno § 18
Domno § 18
 **Domn-ōne* § 18
Domnus § 18
Donnus § 18
Donón § 18

egund- § 7
-eix- § 8, 25
-ellī § 2, 3
-ellus § 2, 3
-enche § 10
-ence § 10
-ens § 10

-ense § 10
-ente § 10
-enti § 10
Eventus § 1

fatum § 11
Felicissimus § 8
Fermoselle § 19
Fermoseli § 19
 **Fermosellus* § 19
fermoso § 19
Fidelissimus § 8
fīlii bene natorum § 6
Firmissimus § 8
fons § 20
 **Font-āni (villa)* § 20
Fontānus § 20
fonte § 20
Font-eius § 20
Fontey § 20
Font-īnius § 20
Formoselha § 19
 **Formō-sellus* § 19
Formosinho § 19
Formōsus § 19
Fremoselhi § 19
Fremoseli § 19
fermoso § 19
 **Fronīmī, (villa)* § 21
Fronimio § 21
Fronīmius § 21
Fronīmius § 21
Fruime § 21
φρόνιμος §

Gallaicus § 24
Genetivus § 36
Genītīvī, (villa) § 36
Genetivio § 36
Germanicus § 24
gund- § 7

-iānus § 29
-iculus n. 3
-īnius § 29
-inte § 10

-īnus § 29
-iolus § 29
-īss- § 8

Laudandus § 9
Lebozán § 22
Lebução § 22
Leocadi § 23
Leocadia § 23
 **Leocadi(i)* § 23
Leocadius § 23
Lobezao § 22
Lobo § 22
Locay § 23
Lucaia § 23

Macedōnī § 24
Macedōnicus § 24
Macedōnius § 24
 **Maceoi* § 24
Maceoni § 24
māer § 9
manēre § 9
maner § 9
 **manrei* § 9
marrei § 9
Maxentius n. 8
Maxidus n. 8
Maxīmīnus § 25
Maxīmus § 25
Maxitus n. 8
Mazoy § 24
Medellín § 3
Meixedo n. 8
Méixemo n. 8
Meixente n. 8
Meixide n. 8
Méixome § 25
Meixomín § 25
-menti(i) § 11
Metellī § 3
Metell-īnī, (villa) § 3
Metellus § 3
Mexide n. 8
myxan n. 8

- Nebuzano* § 22
nepos § 22
Nepotiānus, -āni § 22
nepōtis § 22
Nepōtius § 22
Nepozianus § 22
Nepuzanus § 22
Numidicus § 24
- Obītus* § 1
Odorio § 30
-ōn § 24
-ōnī § 14, 24
-ōnius § 14, 33
-oñe § 24
-osa § 31
-os-ela § 31
-os-elo § 31
-oso § 31
Ousá § 15
Ousón § 24
-oy § 14, 24
- Padriñán* § 26
Paterniānus § 26
Patermus § 26
Patriniani, (villa)
 § 26
**Patrīni-ānus* § 26
Patrīnius § 26
pauper § 11, 34
Pauper § 34
**pauper-i* § 34
**Pauperī, villa* § 34
pauper-is § 34
**Pecorīnus* § 27
Pecorius § 27
Pedronhe § 24
**Peregrīnī, (villa)*
 § 27
Peregrīnus § 27
Pèregriñus § 27
Peregrīnus § 27
Petrōnī § 24
Pientissimus § 8
pobre § 11, 34
- *popper* § 34
Porcar § 2
Porcarī § 2
Porcārius § 2
Porcelhe § 2
Porcelle § 2
Porcelli, villa § 2
Porcellus § 2
porcellus § 2
Porche § 2
**Porc-iculin.3*
**Porc-iculus n.3*
Porcius § 2
pōrcus § 2
Pregol n.9
Preguín § 27
Procul n.9
Procul, villam de n.9
Procūli, (villa) § 28
Proculi n.9
Próculo, villa n.9
Procūlus § 28
Proculus n.9
Prógalo n.9
Progol § 28
Prógol § 28
Prugul n.9
puer § 34
puer-ī § 34
- rabá* § 15
rabo § 15
Redītus § 1
- Sadur* § 29
Sadur, Costa de § 29
Sadur, Meen Píriz di § 29
Samblismo § 8
Sambreixo § 8
Sambreixó § 8
Sanfelismo § 8
Sarreus § 8
Sarria § 8
Satur § 29
**Satūrī, (villa)*
**Satūrius* § 29
- Saturus* § 29
Satyrius § 29
Satyus § 29
Satyus, Sanctus § 29
Servandus § 9
Soar § 2
Soares § 2
Soeiro § 2
Suar § 2
Suárez § 2
Suarius § 2
Suar-ici § 2
**Suari(i)* § 2
Successus § 1
Sueiro § 2
(su-eris) § 2
Su-is § 2
sūs § 2
- tūrus* § 17
- ullīnus* § 29
-ūllus § 29
-uy § 14
- Valentī, (villa)* § 31
Valenti, villar § 16, 31
Valentini, villa § 31
Valentinu § 16
Valentīnus § 16
Valentius § 16
Valentius § 16
Valmenso § 11
várzea § 3
Vascōnī § 24
Veade § 6
velle § 10
venade § 6
venadori, villa de § 30
venator § 30
venātor § 30
venatoriānus § 30
Venatori(i) § 30
**Venatōrius* § 30
venatōrius § 30
Venedario § 30

- Venenatus* § 6
Venerandus § 9
venerāre § 9
**Venrandī* § 9
Ventín § 16, 31
Vente § 31
Vento § 31
Ventosa § 31
Ventosela § 31
Ventoselo § 31
Ventoso § 31
ver- § 12
ver, veris § 12
**verān-āta* § 12
**veran-at-orium* § 12
veran-ea(s) § 12
**Verānī* § 20
**Verān-ī(villa)* § 12
Verānus § 12
veranus § 12
**Verecondi* § 7
Verecundi § 7
- *Verecūndī, villa* § 7
Verecund-īnus § 7
Verecūndus § 7
Verecundus § 7
verēda § 12
verissimi § 12, 25
Verīssīmī (Sancti) § 8
Verīssīmī (villa) § 8
Veríssimo, São § 8
Verissimus § 7, 8
Verīssīmus § 8
Verrande § 9
vērus § 8, 12
Viadi § 6
viador § 30
Vicinte § 10
viento § 31
Vijão § 13
vila § 32
Vilapoupre § 34
Vila-poupre § 34
- Vilardevós* § 35
Vilarvento § 31
villa § 32
Villa-aruente § 16
villae § 15
Villalocay § 23
Villantime § 32
Villapún § 33
Vil(l)arbuxán § 13
Villarvente § 16
Villar-Vente § 16
Vincenti(i) § 10
Vintín § 16, 31
Vitisclus Busiani § 13
Vivitūrus § 17
volens, -entis § 10
**Volenti(i), villa* § 10
Volentilius § 10
**Volentius* § 10
Vós § 35
- Xendive* § 36